

A obra mais famosa de ficção espiritual do século XX

O PROFETA



KHALIL GIBRAN



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

O PROFETA



KHALIL GIBRAN

Tradução
Ana Guadalupe

2ª edição



Planeta

Título original: *The prophet*

Capa: Daniel Justi

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

CDD L892.73

1. Ficção libanesa



faleconosco@editoria.planeta.com.br

Sumário

11 A CHEGADA DO NAVIO

19 SOBRE O AMOR

24 SOBRE O CASAMENTO

28 SOBRE OS FILHOS

31 SOBRE A DOAÇÃO

36 SOBRE A COMIDA E A BEBIDA

39 SOBRE O TRABALHO

43 SOBRE A ALEGRIA E A TRISTEZA

46 SOBRE A CASA

50 SOBRE AS ROUPAS

52 SOBRE A COMPRA E A VENDA

56 SOBRE O CRIME E O CASTIGO

61 SOBRE AS LEIS

64 SOBRE A LIBERDADE

68 SOBRE A RAZÃO E A PAIXÃO

71 SOBRE A DOR

73 SOBRE O AUTOCONHECIMENTO

77 SOBRE O ENSINO

79 SOBRE A AMIZADE

82 SOBRE O ATO DE FALAR

85 SOBRE O TEMPO

88 SOBRE O BEM E O MAL

92 SOBRE A ORAÇÃO

95 SOBRE O PRAZER

100 SOBRE A BELEZA

104 SOBRE A RELIGIÃO

107 SOBRE A MORTE

111 A DESPEDIDA

129 POSFÁCIO DE PAULO DANIEL FARAH

A chegada do navio

Almustafa, o escolhido e adorado, que era o despertar de seu próprio dia, estava havia doze anos na cidade de Orphalese, onde esperava o navio que retornaria e o levaria de volta à ilha em que nascera.

No décimo segundo ano, no sétimo dia de *Ailul*, mês da colheita, ele subiu o monte e olhou além dos muros da cidade em direção ao oceano; nesse momento, avistou o navio entre a névoa.

Então o portão de seu coração se abriu, e sua alegria voou veloz sobre o mar. E ele fechou os olhos e orou nos silêncios de sua alma.

11



Mas certa tristeza o invadiu enquanto descia o monte, e ele pensou com seu coração:

Como poderei partir em paz, sem sofrimento? Não, não sairei desta cidade com o espírito intacto.

Longos foram os dias de agonia que vivi entre seus muros, e longas foram as noites de solidão; e quem é capaz de dar adeus à agonia e à solidão sem lamentar?

Tantos fragmentos do espírito espalhei por estas ruas, e tantos filhos de meu anseio andam nus por essas montanhas, não posso deixá-los sem dor e sem mágoa.

Não é de uma veste que me desfaço neste dia,
mas, sim, de uma pele que rasgo com minhas próprias mãos.

Tampouco é uma ideia que hoje abandono, mas,
sim, um coração amolecido pela fome e pela sede.

Mas já não posso tardar.

O mar que chama todas as coisas a seu ventre
agora me chama, e devo embarcar.

Pois permanecer, mesmo que à noite as horas vi-
rem brasa, seria me tornar gelo e cristal, ficar imóvel
num molde.

De bom grado levaria comigo tudo o que aqui
está. Mas como seria capaz?

A voz não pode levar a língua e a boca que lhe
deram asas. Sozinha deve seguir até o éter.

Também sozinha e sem ninho deve a águia
voar através do sol.

Quando chegou ao sopé do monte, ele mais uma
vez se virou em direção ao mar e viu o navio se
aproximar do porto; na proa viu os marinheiros, os
homens de seu continente.

E sua alma gritou por eles, e ele lhes disse:

Filhos de minha mãe ancestral, homens que
andam pelas ondas,

Tantas vezes navegaram enquanto eu sonhava.

E agora vêm quando estou desperto, e este é meu sonho mais profundo.

Estou pronto, e minha vontade abre as velas e aguarda o vento.

Só um último suspiro será meu fôlego neste ar quieto, só mais um olhar de amor pelo passado,

E então poderei juntar-me a vocês, marinheiro entre marinheiros.

E você, imenso mar, incansável mãe,

Que é paz e liberdade tanto para o rio quanto para o regato,

Só haverá mais uma curva nesse rio, só mais um sussurro nesse descampado,

E então irei até você, gota infinita num oceano infinito.

13

E, enquanto caminhava, ele viu ao longe homens e mulheres que abandonavam campos e vinhedos e corriam para os portões da cidade.

E ouviu as vozes chamando seu nome, gritando em cada plantação, anunciando uns aos outros a chegada do navio.

E disse a si mesmo:

Será o dia da separação o mesmo do encontro?

E um dia dirão que meu crepúsculo era, na verdade, minha aurora?

E o que devo oferecer àquele que deixou seu

arado no campo e àquele que parou a moagem em seu vinhedo?

Deverá meu coração se tornar uma árvore farta de frutos que eu possa colher e lhes entregar?

E deverão meus desejos fluir como uma fonte para que eu encha seus copos?

Seria eu a harpa nas mãos do Todo-Poderoso ou a flauta para que me atravessasse seu sopro?

Se sou um caçador de silêncios, que tesouro terei encontrado nos silêncios que hoje possa compartilhar convicto?

Se hoje é meu dia de colheita, em que campos terei cultivado as sementes, em que estações esquecidas?

Se é mesmo a hora de levantar minha lanterna, não é minha chama que brilhará dentro dela.

Levantarei minha lanterna sem luz, vazia,

E o guardião da noite trará o óleo e acenderá a chama.

Tais coisas ele disse por meio de palavras. E em seu coração muitas outras permaneceram não ditas. Ele mesmo não era capaz de expressar seu segredo mais profundo.

Quando entrou na cidade, o povo foi a seu encontro, e todos gritavam com uma só voz.

E os anciãos da cidade foram adiante e disseram:

Não se vá, ainda não.

Você foi a luz do dia em nossa penumbra, e sua força nos deu sonhos a sonhar.

Entre nós não é mais um estranho nem um hóspede, e sim nosso filho, nosso adorado.

Não condene nossos olhos a buscar seu rosto em vão, ainda não.

E os sacerdotes e as sacerdotisas lhe falaram:

Não deixe que as ondas do mar nos separem agora, que os anos que passamos juntos se tornem memória.

Você andou entre nós em espírito, e sua sombra se tornou a luz que nos ilumina o rosto.

Tanto o amamos. E foi um amor mudo, que com véus foi coberto.

Agora, no entanto, ele grita chamando seu nome e não tem medo de ser revelado.

Afinal, assim é o amor, que só conhece a própria grandeza na hora da despedida.

E outros também apareceram para implorar que ficasse. Mas ele não respondeu. Apenas olhou para baixo, e aqueles que estavam mais perto viram as lágrimas que caíam em seu peito.

E ele e o povo seguiram em direção à grande praça em frente ao templo.

E do santuário saiu uma mulher chamada Almitra. Uma profetisa.

E ele a olhou com demasiada ternura, pois fora a primeira a procurá-lo e a acreditar no que dizia quando chegara à cidade não havia um dia.

E ela o saudou, dizendo:

Profeta de Deus, que busca o que há além, há muito observa o horizonte à espera de seu navio.

Agora o navio está aqui, e você deve partir.

Profundo é seu anseio pela terra de suas memórias, a morada de seus desejos maiores; e nosso amor não vai prendê-lo, tampouco nossas urgências vão impedi-lo.

Antes que nos deixe, no entanto, pedimos que fale conosco e nos ofereça sua verdade.

E nós a ofereceremos a nossos filhos, e eles, aos filhos deles, e assim nunca estará perdida.

Em sua solidão você resguardou nossos dias e
em sua atenção ouviu o choro e o riso de nosso sono.

Agora, portanto, revele-nos a nós mesmos
e compartilhe tudo o que lhe foi mostrado sobre
aquilo que ocorre entre nascimento e morte.

E ele respondeu:

Povo de Orphalese, o que eu poderia dizer que
já não se move dentro de vocês neste instante?



SOBRE O AMOR

Então disse Almitra: fale sobre o
amor.

E ele levantou a cabeça e olhou para o povo, e uma
quietude pairou sobre todos. Com uma voz forte,
ele disse:

Quando o amor chamar, sigam-no,
Mesmo que o caminho seja íngreme, árduo.
E quando suas asas os envolverem, entreguem-
-se a ele,
Ainda que a lâmina oculta entre as plumas pos-
sa feri-los.
E quando ele falar com vocês, acreditem,
Embora sua voz possa lhes destruir os sonhos
como o vento que devasta o jardim.

Pois assim como o amor vem coroá-los, também
vem crucificá-los. E assim como garante que cres-
çam, também faz a poda.

Assim como se eleva e acaricia seus ramos mais
frágeis que ao sol tremulam,

O amor também desce até o solo para sacudir
suas raízes tão apegadas à terra.

Como se fossem trigo, ele os junta em si.

Ele os debulha até que fiquem nus.

Ele os peneira para libertá-los da palha.

Ele os mói para que se transformem.

Ele os amassa até se tornarem flexíveis;

E então os leva a seu fogo sagrado, para que as-
sim se tornem o pão sagrado do banquete sagrado
de Deus.

Todas essas coisas o amor fará com vocês, até que conheçam os segredos de seu coração e, com esse conhecimento, se tornem um fragmento do coração da Vida.

No entanto, se por medo buscarem apenas a paz do amor e o prazer do amor,

Então convém cobrirem a nudez e passarem longe da eira do amor,

Rumo ao mundo sem estações, onde terão risada, mas não todo o riso, e terão choro, mas não todas as lágrimas.

22

O amor nada oferece além de si mesmo e nada exige além de si mesmo.

O amor não tem posse nem se torna posse;

Pois o amor em si mesmo é suficiente.

Ao amar não se deve dizer: “Deus está em meu coração”, mas “eu estou no coração de Deus”.

E não pense que pode ditar o rumo do amor, pois o amor, se decidir que você é digno, ditará seus rumos.

O amor não tem desejo senão realizar a si mesmo.

Caso amem e busquem outros desejos, porém, deixem que sejam estes:

Dissolver-se e tornar-se um rio que corre e canta sua música para a noite;

Conhecer a dor de sentir ternura em demasia;

Ferir-se graças a seu próprio entendimento do amor;

E sangrar por vontade própria e com satisfação.

Acordar cedo com o coração alado e agradecer por mais um dia amando;

Descansar ao meio-dia e meditar no êxtase amoroso;

Voltar para casa ao entardecer, com gratidão;

E depois dormir, com uma prece aos amados no coração e uma canção de louvor nos lábios.

SOBRE O CASAMENTO

Então Almitra falou novamente:
e o **casamento**, mestre?
E ele respondeu:



Vocês nasceram juntos e juntos para sempre ficarão.

Devem ficar juntos quando as alvas asas da morte minguarem seus dias.

Sim, devem ficar juntos até na memória silenciosa de Deus.

Mas permitam que haja espaço na união.

E permitam que entre vocês os ventos dos céus dançam.

Amem um ao outro, mas não façam do amor uma amarra:

Deixem que seja um mar que se move entre as margens da alma.

Enchem a taça um do outro, mas não bebam de uma só taça.

Deem um ao outro o pão, mas não comam da mesma fatia.

Cantem e dançam juntos com alegria, mas deixem que cada um viva só, em sua própria companhia,

Assim como as cordas do alaúde são únicas, embora vibrem na mesma melodia.

Entreguem seu coração, mas não à posse um do outro.

Pois só a mão da Vida pode conter um coração.

E vivam juntos, mas não tão juntos,

Pois os pilares do templo foram feitos separados,
E o cipreste nunca cresce à sombra do carvalho.

